Uma nova e instigante leitura do universo machadiano

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo*. Belo Horizonte: Crisálida, 2007. 288 p. ISBN 8587961292.

Heloisa Toller Gomes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rua Sambaíba, 479,22450-140, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: htoller@terra.com.br

O objetivo da antologia crítica *Machado de Assis afro-descendente*, organizada pelo Professor Eduardo de Assis Duarte, é rastrear e realçar a presença do negro na obra de Machado de Assis, cujo tratamento crítico da escravidão e das relações inter-raciais comporta uma dimensão histórica negligenciada pela crítica. O Professor Duarte percorre o universo machadiano da ficção em prosa, poesia, crônica e crítica teatral e, no ensaio “Estratégias de caramujo”, posfácio ao livro, argumenta sobre a força da problemática racial na escrita de Machado e sobre os equívocos da visão (ainda corrente) a seu respeito como “omisso” ou “indiferente” à situação do negro no Brasil.

Já o título da antologia é provocativo, assim como esclarecedor, quanto à postura crítica de seu organizador. Ao caracterizar Machado como “afro-descendente”, Duarte destaca a herança étnica e familiar do escritor e para tanto fornece, na Nota Introdutória, dados da trajetória existencial daquele “filho de um operário mulato e uma imigrante açoriana”, pontuando as dificuldades da “ascensão de um afro-descendente, vindo das margens da estrutura social, para se aproximar da elite de seu tempo: imprensa, literatura, máquina governamental”. Transcendendo, porém, a questão biográfica, o empenho primordial da seleção, acoplada à investigação analítica, resume-se em desenvolver a questão ali proposta: “onde estariam os traços de afro-descendência no homem e, mais ainda, na obra?” (p. 8). Procurando responder ao desafio, Eduardo de Assis Duarte percorre o fio condutor da presença do negro na escrita machadiana, presença essa que, mesmo quando fugidia e passageira, logra assinalar mudanças significativas no tecido textual, conferindo-lhe dimensões inusitadas.

A antologia, enriquecida ainda de notas explicativas e de referências bibliográficas, segue um vasto percurso temporal. São, para tanto, selecionados desde textos da mocidade de Machado,

como a entusiasmada crítica ao folhetim dramático *Mãe*, de José de Alencar (1860); o poema “Sabina”, com seu imprevisível e enigmático desfecho (1875), e crônicas a partir de 1864. Ao se atingir o cume da antologia que é o domínio da ficção (encerram-na fragmentos dos romances *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, de 1904 e 1908, respectivamente), patenteia-se como a temporalidade em Machado desconcerta a cronologia. A preocupação com a escravidão e com o papel reservado ao negro – escravo ou recentemente tornado livre – manifesta-se em textos que vieram à luz após a abolição, alguns nos primeiros anos do século XX, e que, retomando a problemática da resistente estrutura escravista e das relações entre seus sujeitos, recriam pungentemente o universo escravocrata. À guisa de exemplo, os merecidamente célebres contos “O caso da vara” e “Pai contra mãe” (o primeiro republicado em 1899; o segundo, de 1906 – ambos reproduzidos na íntegra).

Numa sociedade marcadamente racista e preconceituosa como a brasileira, na transição entre o trabalho escravo e o livre, entre a Monarquia e a República Velha, entre os séculos XIX e XX, entende-se a “postura de recalque d[a] etnicidade” adotada por Machado de Assis, segundo Duarte. Ademais, o próprio conhecimento da escrita machadiana impede que nesta se busque a predominância de um tratamento direto e explícito à questão do negro e da escravidão. Aquele “especialista em disfarces de toda ordem” (p. 239), que foi Machado, não pode ser lido sem se considerar os “deslizamentos de sentido” que permeiam a sua obra. Daí a “forma dissimulada, homeopática”, com que “a questão étnica e a crítica ao escravismo” foram sendo introduzidas em seu texto (p. 243). A metáfora do “caramujo” (colhida do próprio Machado), que se inscreve no ensaio analítico e no subtítulo do volume, fala por si.

Tal é o cerne da argumentação de Eduardo de Assis Duarte, que propõe uma leitura do universo machadiano atenta à presença ali marcante, mesmo

quando oblíqua, das candentes questões da escravidão, da abolição e das relações raciais no Brasil.

Ao destacar o negro na escrita machadiana, o Professor Duarte envereda audaciosamente por uma trilha ainda inexplorada pela crítica com a insistência que a problemática exige. A antologia *Machado de Assis afro-descendente* preenche, assim, grave lacuna no

cenário acadêmico nacional e certamente produzirá frutos, no sentido de uma compreensão alargada do mundo plural de nosso autor oitocentista maior.

Received on January 10, 2008.

Accepted on March 28, 2008.